

LEYGUARDA FERREIRA (1897-1966)
TRADUTORA DE *SANDOKAN*
E DE *O CORSÁRIO NEGRO*

LUÍS BENSJA DEI SCHIRÒ*

In memoriam Leyguarda Ferreira

QUANDO AINDA NÃO EXISTIAM nem a televisão nem os sedutores jogos electrónicos que hoje mobilizam os tempos de lazer da juventude (e não só!), aqueles de nós — e muitos fomos — que se deixavam arrebatar pelas emocionantes aventuras do genial escritor italiano Emilio Salgari, terão inevitavelmente embatido no nome um pouco inabitual de Leyguarda Ferreira, tradutora (e sobretudo adaptadora) de muitas das grandes obras salgarianas. Mas se os rapazes liam ávidos as andanças de *O corsário negro* ou de *Sandokan*, as raparigas não liam com menor emoção (tantas vezes à socapa dos pais) as histórias sentimentalonas de Magali ou de Max du Veuzit e, também elas, acabavam por encontrar no seu caminho o nome de Leyguarda Ferreira, tradutora destes e de muitos outros escritores franceses da florescente literatura cor-de-rosa. Ou então, se pela idade ainda não tinham chegado a Salgari ou a Magali, e se deixavam encantar pela atractiva Colecção Manecas, lá iam encontrar também uma prolífera autora e adaptadora com esse mesmo nome de Leyguarda Ferreira.

Hoje, no entanto, se quisermos saber quem foi verdadeiramente Leyguarda Ferreira, e a extensão notável da sua obra de autora, tradutora, adaptadora, directora literária e uma das pioneiras da literatura infantil em Portugal, pouco ou

* Historiador, docente universitário reformado. jrlmessina@gmail.com

nada sabemos, tragada por uma incompreensível e imerecida *conspiração do silêncio*, que começa pelo *Dicionário cronológico de autores portugueses*, organizado pelo então Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, nos anos 90. De facto, em 1897, que é o ano do seu nascimento, a par do poeta António Botto, do ensaísta Rodrigues Lapa ou do *Repórter X*, todos nascidos no mesmo ano, estranhamente não se encontra qualquer referência a Leyguarda Ferreira. Uma ou outra indicação da sua existência, que se consegue apanhar aqui e ali (por exemplo, no *Dicionário de mulheres célebres*¹ ou no *Dicionário no feminino. Séculos XIX e XX*²) é escassa, lacunar e muitas vezes incorrecta.

Foi assim, quase do zero, com ajudas preciosas mas também com desajudas, recusas absurdas e más vontades, que nasceu esta conturbada investigação histórica. E, já agora, diga-se que ninguém respeita (ou conhece) o decreto-lei n.º 26/2016, Lei de acesso aos documentos administrativos – LADA, em vigor.

Antes de dedicar duas palavras à biografia de Leyguarda Ferreira, analisemos a sua obra, que se situa toda no âmbito do popular editor lisboeta João Romano Torres (1855-1935). Um levantamento – que não muitas eventuais correcções significativas poderá vir a ter –, conduzido ao longo das três décadas que durou a sua colaboração com aquela editora, permite elaborar um mapa da sua prodigiosa actividade literária, que se inicia em 1934 com a publicação na afortunada Colecção Manecas, que existia desde os anos Vinte dirigida por Henrique Marques Júnior (1881-1953), de alguns contos infantis (por exemplo, *O sapatinho de Natal. Episódios da vida de Jesus*) e adaptações de obras célebres, por exemplo, *As aventuras de Pinocchio*, de Carlo Collodi, que os pruridos nacionalistas da censura do regime obrigaram a apertuguesar

¹ Porto, Lello, 1981.

² Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

para *Pinóquio*³. É, aliás, no âmbito desta política dita cultural (em tudo semelhante à que era levada a cabo na Itália de Mussolini) que a reedição do conto *Viagens maravilhosas de Sinbad o marinheiro*, que Leyguarda Ferreira adaptara a partir de *As mil e uma noites*, é pura e simplesmente proibida pela censura. Por o nome Sinbad (mantemos a grafia utilizada) não poder ser aportuguesado? É ridículo mas plenamente possível! É claro que *Capuchinho Vermelho* não podia ser *Capuchinho Encarnado* — é que isso de vermelho lembrava outras coisas.

Desde cedo, aí por meados dos anos 30 (na altura em que o obscurantismo salazarista, como lhe chamou o Prof. Joaquim Barradas de Carvalho, reduzia o tempo de escolaridade obrigatória de 4 para 3 anos!), Leyguarda Ferreira exterioriza a sua propensão para escrever para as crianças, que porventura tem raízes nos tempos em que, ainda muito nova, exercera a actividade de professora primária. De facto, vamos encontrá-la nas colunas do semanário infantil *O Senhor Doutor. Um amigo que diverte, educa e instrui* (1933-1944), dirigido por Carlos Ribeiro, onde publica os seus primeiros contos, lado a lado com alguns nomes ilustres como os de José Gomes Ferreira (o *Avô Cachimbo*), Odette de Saint-Maurice, Ana de Castro Osório, entre outros.

Como autora de romances sentimentais, entre 1942 (*A menina do solar*) e 1964 (*O gavião e a pomba*), publica 19 obras, todas na Romano Torres, portanto a um ritmo de quase um por ano. *Encontraram-se mais tarde*, que tem data de 1946, não consta do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, mas foi editado.

³ Pinóquio vai ter um sucesso inesperado no seio da popular Coleção Manecas. Pela mão de José Rosado, vai surgir quase uma trintena de aventuras protagonizadas pela genial criação de Collodi: *Novas aventuras de Pinóquio*, *Pinóquio joga à bola*, *Pinóquio ás do pedal*, *Pinóquio entre os macacos*, *Pinóquio na China*, *Pinóquio campeão de Boxe*, *Pinóquio caçador*, *Pinóquio em Hollywood*, etc., beneficiando das ilustrações de Eugénio Silva ou de Júlio de Amorim.

Tradutora prolífera, entre meados dos anos 30 e o fim da vida, em 1966, faz pouco menos do que 170 traduções (francês, italiano, inglês, espanhol), onde avultam autores como Dickens, as irmãs Brontë, Walter Scott, Jane Austen, Vítor Hugo ou Alexandre Dumas e obras como *Fabiola* ou *Quo vadis?* — que se continuam a publicar regularmente, mesmo depois da sua morte, praticamente até aos nossos dias, quer pela Romano Torres (até 1982), quer posteriormente por outros editores. No entanto, a maioria das suas traduções incide sobre autores de literatura cor-de-rosa, Alix André (13 obras), Léo Dartey (19 obras), Max du Veuzit (19 obras), Magali (pseudónimo da escritora Jeanne Élisabeth Marie Joséphine Philbert, 58 obras), etc.

Aquelas traduções, no entanto, não incluem 31⁴ relativas às obras de Emilio Salgari (1862-1911), que começa a traduzir em 1935 com *A caverna dos diamantes* (adaptação salgariana do célebre romance de Henry Rider Haggard, *King Solomon's Mines*, que Eça de Queirós recriou em *As Minas de Salomão*), a qual havia sido publicada em Génova, em 1899, pelo editor Anton Donath, com o título *Le caverne dei diamanti*. Seguem-se, logo no ano seguinte, *A heroína de Cuba* (*La capitana dell'Yucatan*, Genova, Donath, 1899) e *Os Bandidos da Estepe* (*Le aquile della steppa*, Genova, Donath, 1907), continuando nos anos seguintes com várias traduções, inclusive de alguns apócrifos, por exemplo, em 1951, *Os naufragos do Hansa* (*Il naufragio dell'Hansa*, Milano, Mondadori, 1921), na realidade da autoria de Luigi Motta.

Sandokan aparece pela primeira vez em Portugal nos inícios do século XX, pela mão da Romano Torres, cuja fundação vinha das últimas décadas do século anterior, que vai transformar-se na grande e empenhada editora de Salgari no nosso país. Com a criação da Coleção Salgari, em 1910, tem início uma aposta que se irá revelar extremamente gra-

⁴ Consultar Apêndice.

tificante e frutuosa na medida em que Emilio Salgari, individualmente falando, é de longe o autor de maior dimensão quantitativa dentro da Romano Torres, com 163 obras publicadas, representando só por si 14,15% do total da produção da editora, ficando unicamente atrás da Colecção Azul (295 obras, 25,61%) e da Colecção Manecas (223 obras, 19,36%) — mas com a grande diferença de estas colecções serem constituídas por uma variedade de autores e não por um único⁵. Vejo na contracapa de *A formosa judia (I predoni del Sahara*, Genova, Donath, 1903), editada em 1924, que é a obra salgariana mais antiga que conheço, anunciados, como já tendo sido publicados na Colecção Salgari, títulos como *Os tigres da Malásia*, *A pérola de Labuan*, *Aventuras de Sandokan*, etc., dos quais, porém, pouco se sabe para além dos títulos, sujeitos aliás aos tratos de polé das alterações mais arbitrárias, tal como os respectivos textos (com adições e supressões), sem indicação do tradutor ou do título original. Não se trata, porém, de incúria do editor português, naquele tempo era assim por toda a Europa (onde se lutava para que este estado de coisas mudasse em favor dos direitos dos autores e do respeito pelas obras). A prática naquele tempo era que, adquiridos os direitos de tradução, o editor punha e dispunha a seu bel-prazer e como bem entendesse, pois era o proprietário absoluto, eterno e indiscutível da obra.

Fascinante este período pioneiro, mas de muito difícil penetração dada a escassez de material disponível, a necessitar de uma investigação de fundo, que se imagina cheia de dificuldades e que sai totalmente fora dos objectivos deste trabalho. Fixemo-nos, portanto, nas décadas de 30 a 50, período dos mais importantes e férteis da actividade editorial da Romano Torres, no qual se verifica uma renovada e empenhada reedição das obras de Emilio Salgari.

⁵ Fonte: Daniel Melo (coordenação), *História e património da edição. A Romano Torres*, Ribeirão, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2015, p. 60.

Em 1940, numa tradução de Henrique Marques Júnior, que a par de Leyguarda Ferreira é um dos mais importantes colaboradores da Romano Torres, são editados *Sandokan, O corsário* e *A mulher de Sandokan*, que constituem o desdobramento, em dois volumes, de *La tigre della Malesia*, que havia sido publicado em Génova, em fascículos, pelo editor germano-italiano Anton Donath, em 1883-1884 (e que, completamente refeito, com o título definitivo de *Le tigri de Mompracem*, sairá em volume em 1900). É nesta edição que, provavelmente, *o mais do que irmão* do príncipe-pirata malaio Sandokan, o português de nome castelhano Yanez de Gomera⁶, é rebaptizado com o pomposo e bem mais lusitano nome de Gastão de Sequeira.

Após este lançamento — importante porque constitui o início da saga do pirata malaio que luta contra o imperialismo inglês —, porém, as traduções (e adaptações) sucessivas das obras protagonizadas por Sandokan são entregues ao estro de Leyguarda Ferreira. E, de facto, nesse mesmo ano (1940), são editados *Sandokan tem um rival (I misteri della jungla nera*, Genova, Donath, 1903), que é o 2.º volume do *Ciclo Sandokan*, e *A vingança de Sandokan (I pirati della Malesia*, Genova, Donath, 1902), que é o 3.º volume do referido ciclo, continuando-se nos anos seguintes. Também vão ser feitas várias traduções de apócrifos, entre outros, *O ceptro de Sandokan (Lo scettro di Sandokan*, Milano, Sonzogno, 1927,

⁶ Desconhece-se, porque ele não deixou nenhuma indicação, onde Salgari terá ido descobrir este estranho nome, ele que tem a sua obra recheada de nomes genuinamente portugueses. No estado actual da investigação, entre as várias hipóteses, a mais atendível é a do malgrado estudioso Antonio Palermo (1929-2006), professor da Universidade de Nápoles, que no seu livro *La critica e l'avventura. Serra, Salgari, il primo Novecento* (Napoli, Guida, 1981, p. 39), se interroga: “perché non suporre, poniamo, che l'invenzione onomastica di Yanez venga diritta diritta dal capitano della caravella 'Niña', che era, ricordiamocelo, Yañez Pinzón? Ad avvalorare tale ipotesi, potrebbe servire anche rammentare che Gomera, prima di divenire cognome dell'eroe salgariano, era stata l'ultima tappa di Colombo nelle Canarie”. Devo esta informação ao especialista salgariano Felice Pozzo.

da autoria de Emilio Moretto), editado em 1942, ou *Sandokan nas montanhas de cristal* (*La tigre della Malesia*, Milano, Sanzogno, 1926, autor Luigi Motta), também em 1942. O investigador Sergio Campailla escreve (na introdução a *Le due tigri*, Roma, Newton Compton, 1994) que na Biblioteca Nacional de Roma, inacreditavelmente, encontrou mais de quinhentas fichas em nome do autor Salgari! É que, queiramos quer não, é o nome Salgari, aposto no topo do livro, que vende!

Sem entrar em complexos e controversos pormenores técnicos, deslocados nesta sede, deixo aqui uma rápida nota de esclarecimento: Salgari escreveu — entre 1883 e o fim da vida (1911) —, ao sabor da sua inspiração (e sobretudo pressionado pelas suas constantes necessidades de dinheiro), 11 romances protagonizados por Sandokan, três publicados póstumos, dos quais 10 foram editados pela Romano Torres. No entanto, afirmam os entendidos que, para além do nome do protagonista, que é o único elo de ligação entre eles, o conjunto não constitui na verdadeira acepção da palavra uma obra pensada como um todo, sistemática e orgânica, mesmo se muitas das personagens principais (o bengali Tremal-Naik, o marata Kammamuri, etc.) comparecem em várias romances. Estamos, no entanto, a meu ver, perante uma opinião susceptível de discussão, que mereceria um exame mais aprofundado.

Damos seguidamente um esboço, muito sintético, dos momentos mais significativos do percurso biográfico de Leyguarda Ferreira.

Nascida em 9 de Fevereiro de 1897, na lisboeta freguesia de São Mamede, recebeu o nome de Antónia Leyguarda Pimenta da Silva. Filha de Jaime Augusto da Silva, natural de Évora, militar com a patente de tenente, a prestar serviço no Regimento de Infantaria 16 sediado na Figueira da Foz, e de Maria do Pilar Leyguarda Pimenta (Girou), natural da freguesia do Socorro, em Lisboa, a pequena Antónia Ley-

guarda — fruto de uma relação passional pouco ortodoxa, bem à *fin de siècle* — ficou órfã de pai com apenas 4 anos e poucos meses. Munida do 2.º Grau da Escola Primária, cujo exame superou em Agosto de 1907, dadas as muito precárias condições económicas da mãe, acaba por ser acolhida como pensionista no hoje Instituto de Odivelas (então Instituto Infante D. Afonso). No ano lectivo de 1910-1911, já implantada a República, inscreve-se na Escola Normal de Lisboa para o Sexo Feminino, onde conclui o curso do Magistério Primário, de 3 anos, com a média de 13 valores, em Julho de 1913. Tem pouco mais de 16 anos, mas faz-se à vida, dando aulas como professora primária.

Em 1920 a sua vida dá uma reviravolta: em Julho é admitida no Ministério da Marinha, com a categoria de 2.º oficial, ascendendo posteriormente a 1.º, sendo o seu desempenho profissional considerado sempre ‘bom’ ou ‘excelente’ (até sob o ponto de vista moral!). Ao cabo de 28 anos de funcionalismo público, portanto em 1948, com 51 anos de idade, pede por duas vezes a aposentação por incapacidade, que no entanto lhe é recusada pelas Juntas Médicas a que é submetida. Decide então solicitar a *aposentação voluntária*, que lhe é concedida a partir de 1 de Outubro de 1949, com uma pensão anual de 11 628 escudos.

Entretanto, em Setembro de 1931, já com 34 anos de idade, no Registo Civil de Carnaxide, contraíra matrimónio com Carlos dos Santos Ferreira, nascido em Lisboa, em Junho de 1897, viúvo, funcionário administrativo da CP desde 1912, que virá a falecer em Abril de 1946. O apelido Ferreira, que Antónia Leyguarda vai adoptar como nome literário, é, portanto, do marido (António Vilalba é um pseudónimo com o qual também assina alguns trabalhos).

Paralelamente com a sua actividade de funcionária pública, desde pelo menos 1935 que faz traduções, sobretudo de italiano e de francês, para as edições Romano Torres, de Lisboa. Nesta empresa, com a qual colaborará durante 30

anos, até à sua morte, constrói uma carreira que a vai transformar numa das mais emblemáticas colaboradoras daquela editora: autora, adaptadora, empenhada na literatura infantil, directora literária da popular Colecção Manecas, em substituição de Henrique Marques Júnior, etc., subscrevendo uma actividade de grande fôlego que, no seu género, se pode considerar ímpar no panorama cultural e literário do século passado.

Leyguarda Ferreira faleceu em Lisboa no dia 11 de Setembro de 1966 com pouco mais de 69 anos e meio de idade, encontrando-se sepultada num ossário perpétuo do Cemitério de Benfica.

APÊNDICE

Traduções de Leyguarda Ferreira de livros de Emilio Salgari (Levantamento feito a partir dos catálogos da Biblioteca Nacional de Portugal e da BLX - Bibliotecas Municipais, Palácio Galveias, com fecho em Junho de 2019)

01 – 1935 – *A CAVERNA DOS DIAMANTES*

1935 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.; 1960 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 111

(Trata-se da adaptação do famoso romance *As minas de Salomão*, de Henry Rider Haggard, que também foi recriado por Eça de Queirós) *Le caverne dei diamanti* (Genova, Donath, 1899).

02 – 1936 – *A HEROÍNA DE CUBA*

1936 – 1.^a ed; 1962 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 58

La capitana dell'Yucatan (Genova, Donath, 1899).

03 – 1936 – *OS BANDIDOS DA ESTEPE*

1936 – 1.^a ed.; 1964 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 65

Le aquile della steppa (Genova, Donath, 1907).

04 – 1937 – *NOS MARES DA ÍNDIA*

1937 – 1.^a ed.; 1964 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 64

Il capitano della Djumna (Genova, Donath, 1897).

05 – 1939 – *NAS FRONTEIRAS DO FAR-WEST*

1939 – 1.^a ed.; 1940 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 131

Sulle frontiere del Far-West (Firenze, Bemporad, 1908).

06 – 1939 – *A VINGADORA*

1939 – 1.^a ed.

Colecção Salgari n.º 132

La scotennatrice (Firenze, Bemporad, 1909).

07 – 1939 – *OS ÚLTIMOS SELVAS ARDENTES*

1939 – 1.^a ed.; 1940 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 133

Le selve ardenti (Firenze, Bemporad, 1910).

08 – 1940 – *SANDOKAN TEM UM RIVAL*

1940 – 1.^a ed.; 1945 – 2.^a ed.; 1952 – 3.^a ed.; 1958 – 4.^a ed.

Colecção Salgari n.º 138

(2.º vol. do Ciclo Sandokan. O 1.º foi traduzido por Henrique Marques Júnior)

I misteri della jungla nera (Genova, Donath, 1895).

09 – 1940 – *A VINÇANÇA DE SANDOKAN*

1940 – 1.^a ed.; 1952 – 2.^a ed.; 1958 – 3.^a ed.

Colecção Salgari, n.º 139

1940 (edição na colecção Romances Escolhidos)

3.º vol. do Ciclo Sandokan

I pirati della Malesia (Genova, Donath, 1896).

10 – 1941 – *SANDOKAN VENCE O TIGRE DA ÍNDIA*

1941 – 1.^a ed.; 1945 – 2.^a ed.; 1952 – 3.^a ed.; 1958 – 4.^a ed.

Colecção Salgari, n.º 140

4.º vol. do Ciclo Sandokan

Le due tigri (Genova, Donath, 1904).

11 – 1941 – *SANDOKAN CONQUISTA UM TRONO*

1941 – 1.^a ed.; 1948 – 2.^a ed.; 1961 – 3.^a ed.; 1977 – 4.^a ed. (com o título *Sandokan conquista um império*)

Colecção Salgari n.º 142

6.º vol. do Ciclo Sandokan

Alla conquista di un impero (Genova, Donath, 1907).

12 – 1941 – *SANDOKAN NA ILHA DE BORNÉU*

1941 – 1.^a ed.; 1948 – 2.^a ed.; 1961 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 143

7.º vol. do Ciclo Sandokan

Sandokan alla riscossa (Firenze, Bemporad, 1907).

13 – 1941 – *SANDOKAN RECONQUISTA MONPRACEM*

1941 – 1.^a ed.; 1949 – 2.^a ed.; 1961 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 144

8.º vol. do Ciclo Sandokan.

14 – 1941 – *A VOLTA DE SANDOKAN*

1941 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 145

10.º vol. do Ciclo Sandokan. 2.º vol. póstumo

Nota: o 9.º vol., *Il bramino dell'Assam* (Firenze, Bemporad, 1911), que é o 1.º vol. póstumo, não foi traduzido pela Romano Torres

La caduta di un impero (Firenze, Bemporad, 1911).

15 – 1942 – *A DERROTA DE SANDOKAN*

1942 – 1.^a ed.; 1949 – 2.^a ed.; 1950 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 141

5.º vol. do Ciclo Sandokan

Il re del mare (Genova, Donath, 1906).

16 – 1942 – *NOVA VITÓRIA DE SANDOKAN*

1942 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 146

11.º vol. e último do Ciclo Sandokan. 3.º vol. póstumo

La rivincita di Yanez (Firenze, Bemporad, 1913).

17 – 1942 – *SANDOKAN NAS MONTANHAS DE CRISTAL*

1942 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 147 – Apócrifo

La tigre della Malesia (Milano, Sonzogno, 1927).

18 – 1942 – *O CEPTRO DE SANDOKAN*

1942 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 148 – Apócrifo

Lo scettro di Sandokan (Milano, Sonzogno, 1927).

19 – 1942 – *SANDOKAN SOBERANO DA MALÁSIA*

1942 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 149 – Apócrifo

La gloria di Yanez (Milano, Sonzogno, 1927).

20 – 1942 – *A ÚLTIMA AVENTURA DE SANDOKAN*

1942 – 1.^a ed.; 1950 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 150 – Apócrifo

Addio Mompracem! (Milano, Sonzogno, 1929).

21 – 1951 – *OS NÁUFRAGOS DO HANSA*

1951 – 1.^a ed.; 1960 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 12 – Apócrifo

Il naufragio dell'Hansa (Palermo, Biondo, 1905).

22 – 1955 – *O FILHO DE SANDOKAN*

1955 – 1.^a ed.

Colecção Salgari n.º 151 – Apócrifo

Sandokan, rajah delle jungla nera (Torino, Viglongo, 1951).

23 – 1955 – *SANDOKAN E A PANTERA DOS SUNDSEBUNDS*

1955, 1.^a ed.

Colecção Salgari n.º 152 – Apócrifo

Nota: Segundo indicação da tradução portuguesa, esta teria sido feita a partir de um original intitulado *La pantera delle sunderbunds* que, porém, não consegui encontrar na bibliografia salgariana.

24 – 1955 – *A NOIVA DO CORSÁRIO NEGRO*

19- – 1.^a ed. (não foi traduzido por Leyguarda Ferreira)

1955 – 2.^a ed.; 1963 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 15

2.º vol. do Ciclo corsário negro (*Ciclo dei corsari delle Antille*). O 1.º vol., *O corsário negro*, foi traduzido por A. Duarte de Almeida.

La regina dei Caraibi (Genova, Donath, 1901).

25 – 1955 – *A RAINHA DOS CARAÍBAS*

19- – 1.^a ed. (não foi traduzido por Leyguarda Ferreira)

1955 – 2.^a; 1963 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 16

3.º vol. do Ciclo Corsário Negro (a obra original, *La regina dei Caraibi*, foi, portanto, desdobrada em 2 vols., com os n.ºs. 15 e 16)

La regina dei Caraibi (Genova, Donath, 1901).

26 – 1955 – *A FILHA DO CORSÁRIO NEGRO*

1938 – 1.^a ed. (não foi traduzido por Leyguarda Ferreira)

1955 – 2.^a ed.; 1963, 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 17

4.º vol. do Ciclo Corsário Negro (a obra original foi desdobrada em 2 vols., com os n.ºs 17 e 18)

Jolanda la figlia del corsaro nero (Genova, Donath, 1905).

27 – 1955 – *O CAPITÃO MORGAN*

1.^a ed. (não foi traduzido por Leyguarda Ferreira)

1955 – 2.^a ed.; 1963 – 3.^a ed.

Colecção Salgari n.º 18

5.º vol. do Ciclo Corsário Negro (a obra original foi desdobrada em 2 vols., com os n.ºs 17 e 18)

Jolanda la figlia del corsaro nero (Genova, Donath, 1905).

28 – 1957 – *OS ÚLTIMOS CORSÁRIOS*

1937 – 1.^a ed. (não foi traduzido por Leyguarda Ferreira)

1957 – 2.^a ed.

Colecção Salgari n.º 20

6.º vol. e último do Ciclo Corsário Negro

Nota: a tradução portuguesa apresenta como original *I ultimi corsari*, título que, porém, não existe. Será por certo *Gli ultimi filibustieri*. (Firenze, Bemporad, 1908).

29 – 1964 – *A ESTRELA DA ARAUCÂNIA*
19 – 1.ª ed.
1964 – 2.ª ed.
Colecção Salgari n.º 66
La stella dell'Araucania (Firenze, Bemporad, 1906).

30 – 1964 – *A TERRA DO FOGO*
192 – 1.ª ed.
1964 – 2.ª ed.
Colecção Salgari n.º 67
Desdobramento em 2 vols. de *A estrela da Araucânia*
La stella dell'Araucania (Firenze, Bemporad, 1906).

31 – 1966 – *A FASCINAÇÃO DO DESERTO*
19 – 1.ª ed.
1966 – 2.ª ed.
Colecção Salgari n.º 69
I predoni del gran deserto (Napoli, Soc. Tip. Urania, 1911).

Depois da morte de Leyguarda Ferreira, ocorrida em Setembro de 1966, continuaram a publicar-se várias traduções suas. O grande editor João Romano Torres havia falecido em 1935, sendo substituído por seu filho primogénito Carlos Bregante Torres, e A. Marques de Almeida Júnior, importante colaborador da empresa e porventura o mais prolífero dos seus tradutores, desaparecera em 1953. Numa derradeira tentativa de sobrevivência da gloriosa Romano Torres, surgira na década de Setenta uma desastrada colecção intitulada Nova Colecção Salgari, discutível nas escolhas dos títulos e muito descuidada na compilação das edições. Foi aqui que foram republicadas quatro traduções de Leyguarda Ferreira. Traduções que, de uma maneira geral, ainda hoje continuam a circular e de que se aproveitaram, vantajosamente, uma vez que não há herdeiros, outras editoras!

Na Nova Colecção Salgari, foram publicados:

S. d. [1976] – *SANDOKAN E OS ESTRANGULADORES* (com indicação de 5.ª ed.), constituído por *Sandokan tem um rival* (RT n.º 138) e por *A vitória de Sandokan* (RT n.º 139).

1977 (Janeiro) – *SANDOKAN. O DUELO DOS TIGRES* (com indicação de 4.^a ed.), reedição de *Sandokan vence o tigre da Índia* (RT n.º 140).

1977 (Março) – *SANDOKAN E O “REI DO MAR”* (com indicação de 4.^a ed.), reedição, com insignificantes alterações e nome do tradutor errado de *A derrota de Sandokan* (RT n.º 141).

1980 – *YOLANDA A FILHA DO CORSÁRIO NEGRO* (com indicação de 3.^a ed.) que inclui no mesmo volume *A filha do corsário negro* (RT n.º 17) e *O capitão Morgan* (RT n.º 18).